

O PAI E A ORDEM FAMILIAR CONTEMPORÂNEA

Márcia Maria Pimenta Mattos¹

RESUMO: *O propósito deste artigo é estabelecer algumas considerações sobre o conceito de pai e de função paterna no pensamento freudiano, correlacionado-os com a pluralidade de formas pelas quais vem assumindo a família contemporânea e os efeitos no processo de ordenação da família e do relacionamento entre seus membros – pais e filhos.*

Palavras-chave: Família; Pai; Função paterna.

INTRODUÇÃO

A família tem sido reconhecida, ao longo do processo de civilização, como a matriz ou o núcleo básico fundante da identidade do sujeito e do seu processo de socialização. Constituída de diferentes formas, a família parece acompanhar a multiplicidade de contextos culturais e o dinamismo da vida em sociedade, procurando adequar-se às necessidades humanas de cada um desses períodos.

Dentro do núcleo familiar é que se transmitem valores, normas, modelos de conduta, orientando os seus elementos no sentido de tornarem-se sujeitos de direitos e deveres no universo doméstico e no domínio público. Como unidade básica do processo socializador, constitui-se no canal de mediação entre o homem e a sociedade. Sob esse prisma, ela não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo.

Diversos movimentos sociais, políticos e econômicos marcaram as últimas décadas e são responsáveis por significativas mudanças no interior da família. Tais mudanças vêm afetando a sua organização interna, sua ordenação, suas formas de relacionamento, valores e relações de sociabilidade que vigoram entre seus membros.

Para Dessen (1999), tão importante quanto a definição de família é o uso de conceitos apropriados de interação e relação social que reflitam o processo inter-relacional e não simplesmente o comportamento de indivíduos separadamente. Assim, seria importante descrever as dimensões de conteúdo, qualidade e padrões dessas interações, bem como alguns aspectos das relações tais como: parentalidade, paternidade, maternidade, reciprocidade, percepção interpessoal, compromisso e intimidade, ao focalizarmos principalmente os papéis masculino e feminino na família.

O propósito deste artigo é estabelecer algumas considerações sobre o conceito de pai e de função paterna, através do viés psicanalítico, com vistas a melhor compreender o lugar ocupado pelo pai na família contemporânea, bem como discutir alguns efeitos no processo de ordenação e relacionamento entre seus membros, principalmente, entre os adultos e as crianças e os jovens.

¹ Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL / Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família. Orientador: Professor Doutor José Euclimar Xavier de Menezes.

FREUD E A ORDEM FAMILIAR

Quaisquer que sejam as contestações a Freud, e elas são muitas, psicanalistas, psiquiatras e psicólogos nunca abandonaram algumas de suas proposições, aceitas como evidentes. Dentre elas está aquela que sustenta que, nos primeiros meses e anos de vida, o comportamento do adulto em relação à criança é fundamental para definir um futuro saudável ou não para ela.

Como assinala Claude Lévi-Strauss, em 1956², “a vida familiar apresenta-se em praticamente todas as sociedades humanas, mesmo naquelas cujos hábitos sexuais e educativos são muito distintos dos nossos”. Em sua contribuição reafirma o fenômeno da universalidade da família postulado pela Psicanálise. Nesta perspectiva, a constatação da universalidade aponta para duas outras condições importantes para o processo de humanização: a) a família é o lugar que humaniza e socializa o sujeito – lugar de limite e ‘borda’ para o indivíduo -, além de ser também o lugar de inserção social; b) cada família provém do que Roudinesco (2002) chamou de “estilhaçamento” de outras duas famílias. Para a autora, a família é o lugar de alianças e parentescos (trocas), como postulado pelo mito constituído por Freud em *Totem e Tabu*.

Segundo Roudinesco, a proibição do incesto é tão necessária à criação de uma família quanto a união de um macho com uma fêmea. Tal proibição é um fato da cultura, como demonstra Freud, e, como tal, oferece à instituição família um papel duplamente universal – relaciona um fato da cultura, construído pela sociedade, a um fato da natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica. Assim, a existência dessas duas ordens, no bojo da família, permite aos seus elementos uma fonte inesgotável de experiências humanas.

Nenhum outro campo do pensamento contemporâneo sofreu tanta influência da letra freudiana quanto os temas que envolvem família e infância. Freud levantou verdades tão antigas como o tempo, embora nunca houvesse constituído qualquer tipo de razão para a investigação científica destes fenômenos. O interesse pela psique humana o fez enveredar de forma arqueológica, como muitas vezes ele mesmo descreveu, pelo cerne da trama familiar e pelas experiências muito tenras da primeira infância.

Psicanalistas de escolas dissidentes concordam com a importância vital de uma relação estável e permanente do desejo de uma mãe para com seu filho durante os primeiros anos de sua infância. Avançando para além do desejo e cuidados amorosos de uma mãe protetora, a criança precisa estar submetida também à presença e à interdição desejante de um terceiro elemento, entre ela e sua mãe, elemento este importante na ordem familiar: o pai ou o seu substituto. Essa relação triangular básica terá a força de definir o destino psicológico saudável ou não de qualquer criança. Todavia, em relação a outras questões da parentalidade, observam-se opiniões e visões distintas, talvez em decorrência da relativa novidade e complexidade que o assunto impõe. Seria de surpreender se assim não o fosse.

A presença da função paterna na estrutura familiar

Ler a obra freudiana com vistas ao entendimento da família e sua ordenação e, em particular, recortar no seu bojo o papel da função paterna, considerada a originalidade oferecida pela Psicanálise, no que diz respeito ao enredo edípiano, mostra-se uma tarefa desafiadora, pela sua abrangência e complexidade, já que o tema atravessa toda a produção freudiana.

Assim, delimitaremos este artigo à análise pontual de alguns momentos relevantes do pensamento freudiano, permitindo objetivar a construção do contorno simbólico auferido ao pai, na base da organização social, da cultura e da família.

2 STRAUSS, Apud RUDINESCO (2002, p.13)

No primeiro momento, salientamos as contribuições dos textos pré-psicanalíticos do período de 1893-5, no intuito de reconhecer desde essa fase do pensamento de Freud, na passagem do modelo fisiológico ao modelo metapsicológico, conceitos teóricos importantes sobre a clínica e terapêutica dos pacientes histéricos, base para a formulação da estrutura desejante do sujeito, território no qual garimpamos a presença da função paterna.

Nos textos o *Projeto para Uma Psicologia Científica* (1895)³, e *Estudos sobre Histeria* (1893-95)⁴, Freud demarca as bases para a compreensão do funcionamento psíquico dos sujeitos normais e dos neuróticos. Noções sobre o *Princípio da Inércia*, o *Princípio de Constância*, *quantum de energia circulante*, bem como as funções da *memória*, da *alucinação*, do pensamento e um esboço original de comunicação do bebê com o adulto, são elementos essenciais para o entendimento do processo de individuação do sujeito.

No segundo momento, o período que compreende sua produção, entre 1895-1900, e, principalmente, o trabalho com a clínica da histeria vai permitir a Freud um embate com as experiências primordiais do relacionamento entre a criança e os adultos que dela cuidam – seus pais. A idéia inicial de a histeria ser fruto de uma experiência traumática de sedução encaminha uma pesquisa cuidadosa sobre a realidade factual e a realidade psíquica dessas pacientes.

O percurso freudiano junto a essas pacientes delineou o papel das primeiras experiências do sujeito com as figuras parentais, definindo para a Psicanálise uma linha divisória para uma nova compreensão da psique humana. Tais experiências primevas, suas marcas e desdobramentos futuros na vida adulta configuram, para Freud, a base da formação do sujeito de desejo.

O texto *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, de 1905⁵, se mostra fundamental para a pesquisa do complexo familiar e relacional dos sujeitos, elemento que converge para a função paterna, fulcro de nosso interesse. O texto inaugura um terceiro momento do pensamento de Freud em relação à referida função.

O complexo edípiano, salientado na singularidade da letra freudiana, é a base para a diferenciação do sujeito como um ser em si e, ao mesmo tempo, a condição necessária para que, como ‘ser em si’, relacione-se com outro sujeito, com um outro, objeto de seu desejo. O sujeito tencionado entre dois objetos de amor e ódio, o pai e a mãe, estrutura-se nesse emaranhado complexo de relações e compõe sua formação psíquico-familiar. Édipo representa, portanto, o jogo de relações que ocorre no interior da família, que move cada um dos seus componentes.

Desse modo, falar de Édipo é falar de sua mãe, da relação que os caracteriza, dos desejos nutridos, das tensões que neste entrelaçamento vivem os humanos. Igualmente é falar do pai, do envolvimento necessário com esta figura, representante de uma função tão importante no ocidente: proibição e prescrição, papel atribuído no ápice da civilização à lei. Logo, qualquer que seja a porta de entrada para a análise deste Mito transformado em Complexo mergulhamos, de chofre, no drama familiar que nos caracteriza enquanto sujeitos que representamos e afetados por emoções. Em outros termos, a estrutura psíquica tem o molde da estrutura familiar no pensamento freudiano. (MENEZES, 2002, p.165-166)

Freud procurou o eixo que vincula a experiência da vida, real ou imaginada (fantasmática), com a constituição psíquica de cada ser em especial, relacionando acontecimentos e relacionamentos travados muito cedo, mas significativos para a constituição da

3 FREUD, S. (1977, v.I).

4 FREUD, S. ([1893-1895] 1977, v. II).

5 FREUD, S. (1977,vol. VII).

personalidade. Seja em seus primeiros escritos sobre as observações clínicas de pacientes, seja ao postular o inconsciente ou, mais adiante, ao formular sua metáfora sobre o Complexo de Édipo, Freud sempre teve na relação mãe-filho-pai uma matriz básica para pensar a constituição da subjetividade, como se demonstrará na leitura das obras indicadas.

No último momento de transição e de diferenciação do pensamento freudiano, encontramos a fase de Freud em que postula a noção de que espécie humana arrasta informação filogenética, permeada pelo contexto cultural. Nessa perspectiva, portanto, tais informações estão carregadas de significados, referidos a certas imagens, especialmente paterna, materna e fraterna. Na obra *Totem e Tabu*⁶, parte para a defesa do mito da horda primitiva - como mito ordenador na família - da ordem social e da cultura. O nome do pai, fonte de toda legalidade, foi transmitido ao longo dos tempos, com as variáveis históricas, de acordo com a constituição de sujeito fomentada por cada sociedade.

CONCLUSÃO

Na atualidade, as famílias estão travando suas relações com a individualidade e encorajando uma identidade baseada nos papéis. Tem-se, portanto, como consequência, o desequilíbrio nas relações tanto entre gêneros quanto entre pais e filhos.

Com o advento da participação feminina em atividades fora do ambiente da família, quer por aspiração pessoal, quer pela necessidade de contribuir com a manutenção, a sobrevivência do grupo familiar, as noções paternidade e maternidade na estrutura doméstica sofrem significativos abalos. O movimento social feminino pode ser considerado apenas uma das causas desses abalos.

Gradativamente, a autoridade parental vem sofrendo transformações em sua legitimidade. Ao tempo que o homem se percebe ameaçado nas relações de poder e no controle do grupo familiar, também a autoridade, antes reconhecida como natural, sofre mudanças significativas. O saber paterno perde sua eficácia porque suas experiências não são mais tão congruentes com a rápida transformação do ambiente externo. A hierarquia existente na família tende a ser substituída por vínculos de relativa igualdade entre os cônjuges, o que altera e mina a posição do pai não só diante da mulher como diante dos filhos.

A família, como lugar social e simbólico, em que a diferença, especialmente a diferença sexual, é assumida como base e, ao mesmo tempo, construída como tal, tem algo a conservar como elemento estruturante e talvez neste aspecto tenhamos o que encontrar em Freud.

A função paterna parece estar, assim como a maternidade, para além do vínculo biológico de consangüinidade. Mesmo com o reconhecimento da importância do resgate do arquétipo do pai, ao longo da história da humanidade, assistimos, paradoxalmente, ao impulso criador masculino afastar-se cada vez mais do contexto da família e da experiência da paternidade. Caso desejemos ir um pouco adiante, perceberemos até mesmo um certo grau de afastamento ou estranhamento do relacionamento mais profundo com a mulher.

Dentre muitas mudanças significativas que merecem atenção e pesquisa, está a constatação de que a família como espaço de convivência grupal, de partilha de necessidades, interesses e objetivos comuns, pode ser transformada numa arena de sujeitos que coabitam, mas que caminham em direções diversas na busca de interesses pessoais.

O papel de pai, muito associado ao arquétipo do homem/criador, torna-se, nos dias atuais, uma metáfora de sua capacidade de criar edifícios, cidades, construir engenhocas tecnológicas e continuar ocupando espaço nas estruturas formais de poder. Por outro lado, seu papel na criação dos filhos parece esvaziado de significação.

6 FREUD, S. (1977, v. XIII).

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU C. (Org.). **O casal em crise**. São Paulo: Editora Summus. 1995.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2 Edição. Rio de Janeiro: Editora LTC. 1981.

CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Editora EDUC/Cortez. 2000.

CHAUÍ, M. **Sobre o medo**. In: CARDOSO, S. Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

COLMAN, A; COLMAN, L. **O pai**: mitologia e papéis em mutação. São Paulo: Editora Cultrix. 1988.

DESSEN, M. A.; LEWIS, C. Como estudar a família e o pai. **PAIDÉIA – Cadernos de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, USP**, Volume 8, Nº 4/15 Fev/Ago 98 (publicado em 99).

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. In: Edição s.e. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1977. vol. II. 1893-1895.

_____. **Publicações Pré-Psicanalítica e esboços inéditos**. In: Edição s.e. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1977. vol. I. 1886-1899.

_____. **A Interpretação dos sonhos**. In: Edição s.e. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1977. vols. IV e V. 1900.

_____. **Um caso de histeria**. Três Ensaio sobre a sexualidade e Outros trabalhos (1905). In: Edição s.e. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1977. v. VII.

_____. **Totem e tabu**. In: Edição s.e. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1977. vol. XIII. 1913-1914.

MENEZES, J. E. **Complexo de Édipo**: versão psicológica do mito. In: Veritati/UCSAL, Salvador, v. 2, n. 2, p. 165-176. 2002.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.